

O significante vazio e a política hoje

The floating signifier and today's politics

Roberto Andrés¹

Resumo

A vitória de Donald Trump nas eleições de 2016 reacendeu o debate sobre o populismo, embora não haja nenhum consenso sobre o significado do termo. Esse artigo busca superar as generalizações empíricas que geralmente associam a ideia de populismo a algumas práticas políticas, sem uma conexão teórica que dê sentido ao conjunto. Busca entender o populismo como uma forma de articulação política, na linha do pensamento de Ernesto Laclau, Chantal Mouffe, Francisco Panizza, entre outros. Faz uma retomada histórica até o People's Party, nos Estados Unidos do século dezenove, passando por outras experiências populistas na Europa e na América Latina. Analisa ainda o novo municipalismo espanhol e as eleições brasileiras de 2016, chegando à hipótese de que a utilização da forma populista pode servir à superação de vícios políticos e à radicalização democrática.

Palavras-chave

Populismo, política, democracia, municipalismo.

Abstract

Donald Trump's victory in the 2016 elections has reignited the debate over populism, although there is no consensus as to the meaning of the term. This article seeks to overcome the empirical generalizations that tend to associate the idea of populism with certain political practices, without a theoretical connection that throws meaning over the whole. It seeks to understand populism as a form of political articulation, following the line of thought of Ernesto Laclau, Chantal Mouffe and Francisco Panizza, among other authors. It proposes a historic inquiry, departing from the People's Party, in nineteenth century America, and passing through other populist experiences in Europe and Latin America. It also analyzes the new Spanish municipalism and the Brazilian elections of 2016, proposing that populism, understood as a form, can be used to overcome political vices and democratic radicalization.

Keywords

Populism, politics, democracy, municipalism.

“Hoje em dia é quase um clichê começar um artigo sobre populismo lamentando a falta de clareza sobre o conceito e questionando sua pertinência na análise política.” Assim Francisco Panizza, politólogo uruguaio e professor da London School of

¹ Arquiteto-urbanista, professor na UFMG, editor da revista Piseagrama. Colunista do jornal O Tempo, tem artigos publicados em veículos como a revista Piauí, a Folha de São Paulo e o site Outras Palavras. Co-organizador, com Fernanda Regaldo, do *Guia Morador / Belo Horizonte*.

Economics, inicia o livro *Populism and the Mirror of Democracy*, editado em 2005.² Naquele momento, o crescimento dos partidos de extrema direita na Europa reacendia o debate sobre o tema.

Uma década se passou e a falta de clareza prevalece. O assunto voltou à tona com a aterradora eleição de Donald Trump para a presidência dos Estados Unidos, mas não para por aí. Em 2017, populistas de direita tendem a liderar eleições na Holanda e na França. Nos últimos anos, tiveram votações expressivas na Áustria, Hungria, Suíça, Noruega e Reino Unido.

O populismo de esquerda também deu as caras na América com o crescimento surpreendente de Bernie Sanders nas primárias do partido Democrata. Na Grécia, o Syriza, partido tido como esquerda radical, passou de 3% dos votos para a maior força política do país em dez anos. O Podemos, partido criado em 2014, tem hoje 20% dos deputados na Espanha. Candidaturas cidadãs, aliadas ao Podemos, elegeram prefeitas nas principais cidades do país em 2015.

O Movimento Cinco Estrelas, liderado pelo comediante Beppe Grillo, ganhou a maioria dos assentos no parlamento italiano em 2013. Três anos depois, o partido obteve 67% dos votos nas eleições municipais em Roma e elegeu a prefeita Virginia Raggi. No Brasil, São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte acabam de empossar, como prefeitos, um empresário e apresentador de TV, um bispo licenciado da Igreja Evangélica e um cartola de futebol.

A conexão entre esses fenômenos raramente é bem tecida. O termo populismo costuma ser definido pela listagem de uma série de conteúdos, sem, no entanto, que haja uma conexão teórica que dê sentido à categoria – modo de abordagem que Panizza chamou de “generalização empírica”. O populismo vira um balaio, que cada autor preenche à sua maneira.

Dois artigos publicados recentemente na Revista Piauí apontam para significados um tanto diversos. Para o professor emérito da USP, Ruy Fausto³, o populismo surgiria da combinação de líderes carismáticos e autoritários, clientelismo e um discurso de conciliação de classes. Para Jan-Werner Müller⁴, ele se daria principalmente pela adoção de um discurso polarizado, pela distinção de um “povo

² PANIZZA, Francisco (org.). *Populism and the mirror of democracy*. Londres. Verso Books, 2005.

³ FAUSTO, Ruy. *Reconstruir a Esquerda*. Em: Revista Piauí, 122, novembro de 2016.

⁴ MÜLLER, Jan-Werner. *Populistas*. Em: Revista Piauí, 124, janeiro de 2017.

verdadeiro” e pelo anti-pluralismo. Não é a mesma coisa, o que faz com que o uso da palavra não ajude a elucidar o fenômeno.

Por essas mesmas vias, o economista Peter Wiles logrou enumerar⁵, na década de 1960, 24 características definidoras do populismo. Chega-se a uma situação em que todos são populistas – ou ninguém o é. Em *What is populism?*⁶ – livro que carrega, a meu ver, um fardo já na pretensão do título – Müller intenta criar uma demarcação mais precisa. Para o autor, a linha que define um populista seria a do anti-pluralismo. A partir do momento em que um político se coloca como a “única alternativa”, ele passaria a linha. E ganharia todas as outras características de brinde.

Chama a atenção o fato de que, para cada exemplo citado no livro, o balaio populista fica mais ou menos cheio. Donald Trump não tem um partido construído em torno da sua figura. Marine Le Pen não se caracteriza por uma política clientelista. Partidos como Podemos e Syriza não desrespeitam o jogo democrático. E por aí vai. Além disso, muitas das características atribuídas ao populismo podem ser (bem melhor, inclusive) desenvolvidas fora dele. Veja-se o caso do pemedebismo no Brasil e sua conexão profunda com o clientelismo, sem haver nele nenhum elemento da narrativa polarizada anti-elites.

Há outra abordagem. Ao invés de tratar o populismo como uma lista de *conteúdos*, podemos entendê-lo como uma *forma* de articulação política. A referência é o argentino Ernesto Laclau e seu livro *A Razão Populista*⁷. Nessa linha, o populismo se caracterizaria pela articulação política de demandas sociais não respondidas, canalizadas em torno de um *significante vazio*, contra um inimigo claro ligado ao poder – a monarquia, a casta política, o *establishment*, os marajás, etc.

Assim, o termo não deveria significar nada semelhante a “socialista”, “liberal” ou “comunista”, mas apenas apontar a utilização, em algum momento, de um modo flexível de persuasão para redefinir a ideia de povo e seus adversários. É a formulação política do povo contra as elites que marcaria o populismo.

Exemplos dessa narrativa abundaram nas praças ocupadas dos últimos anos. “Nós somos os 99% e não vamos mais tolerar a exploração do 1%” era o slogan do Occupy Wall Street. “Não somos de esquerda nem de direita, somos os de baixo e vamos para cima”, lia-se em cartazes no 15M espanhol. O nós contra eles é via de regra;

⁵ WILES, Peter. *A Syndrome Not a Doctrine*. Em: IONESCU, Ghita e GELLNER, Ernest. *Populism: Its Meaning and National Characteristics*. Londres, 1969.

⁶ MÜLLER, Jan-Werner. *What is populism?* Filadelfia. University of Pennsylvania, 2016.

⁷ LACLAU, Ernesto. *A Razão Populista*. São Paulo. Editora Três Estrelas, 2013.

o que muda é a definição desses dois campos e do conteúdo político articulado em torno do significante vazio.

Quando formulada pela direita, a equação ganha um vértice geralmente xenófobo ou racista. O que era uma linha reta (o povo contra a elite) torna-se um triângulo em que (1) o “povo verdadeiro” (os brancos, os verdadeiros americanos, franceses, austríacos..) se insurge contra (2) as elites, que favorecem (3) alguma classe social ou étnica que está “roubando empregos” ou gastando os recursos do Estado.

Nos momentos de crise, essa narrativa encontra e explora o lado pior das pessoas. Semeia medo, desconfiança e intolerância, e costuma colher muitos votos. Mas é preciso reconhecer que, para além de uma estratégia eleitoral bem sucedida, há aí um mérito: o de se compreender e falar para os anseios reais de grande parte das pessoas, capacidade que os progressistas têm perdido a passos largos.

Os contextos de erupção populista são muito bem apresentados em outro livro recente – *The Populist Explosion*, do jornalista americano John Judis⁸ –, e têm relação direta com crises econômicas. Na medida em que o dinheiro é um instrumento central na ordem da vida capitalista, problemas como a hiperinflação imediatamente abrem brechas na hegemonia vigente. Também geram fissuras crises políticas e partidárias, escândalos de corrupção, mudanças sócio-culturais, extrapolamento da comunicação política para a cultura de massas.

A conjunto das rachaduras dá a intensidade do momento populista, que Laclau resumizou na coexistência de uma pluralidade de demandas com a inabilidade do sistema institucional de absorvê-las. Difícil não pensar no Brasil atual, a partir da fissura exposta de junho de 2013. Reconstruir a esquerda pode ser uma tarefa heroica de longo prazo, mas quem quiser *evitar que o lobo saia da toca* – nos termos do crítico T. J. Clark, que coloca como principal papel da esquerda evitar os momentos históricos de extrema violência⁹ – muito provavelmente terá que articular os sentimentos de indignação frente às crises existentes e às que se avistam no horizonte.

Na segunda metade do século dezenove, após um período de expansão de mercados e prosperidade, os Estados Unidos viveram uma grande crise. Dezenas de milhares de empregos sumiram e bancos quebraram, levando com eles as atividades dependentes de crédito – e o dinheiro de muita gente. A política liberal de não

⁸ JUDIS, John. *The Populist Explosion*. Nova Iorque. Columbia Global Reports, 2016.

⁹ CLARK, T. J. *Por uma esquerda sem futuro*. São Paulo. Editora 34, 2013.

intervenção na economia já não funcionava, mas a classe política do momento parecia não saber construir outras respostas.

Os preços de produtos agrícolas no país caíram quase 70% de 1870 a 1890. No entanto, as ferrovias, operadas por grandes monopólios sem regulação estatal, mantinham tarifas impraticáveis. A maioria dos pequenos fazendeiros foi à falência. Grandes empresas compravam as propriedades e empregavam mão de obra barata de imigrantes chineses, japoneses, portugueses e italianos.

A quebraadeira foi tão grande que, no Kansas, 45% das terras passou para as mãos dos banqueiros. Revoltas irromperam, organizadas por Alianças de Fazendeiros – associações nos moldes da maçonaria, masculinas, com reuniões secretas e alta cumplicidade. Dentre suas reivindicações, estava a regulação das ferrovias e redução das tarifas. Em outras palavras, aqueles fazendeiros sulistas e da grande planície americana lutavam pelos vinte centavos. Na década de 1880, começaram a se aproximar de entidades trabalhistas, e a coisa cresceu.

Assim surgiu o Partido do Povo (People's Party), que em 1892 lançou candidato à presidência. Seria a primeira experiência política populista, segundo John Judis, cujo livro traz uma perspectiva histórica aprofundada das experiências populistas nos Estados Unidos e na Europa. A pauta de reivindicações do novo partido incluía a regulamentação de sindicatos, o controle da especulação fundiária e a expansão do crédito público.

O Partido do Povo não era socialista, mas era anti-elites e articulava demandas populares. O manifesto de lançamento nacional dizia do “fruto do trabalho de milhões roubado para construir a fortuna de poucos”. Um discurso do senador Tom Watson na ocasião lançava mão da hipérbole histórica, tão habitual para nós, ao afirmar que “nunca antes na história do mundo se enfrentaram nas eleições as verdadeiras forças da democracia e da plutocracia.”

Estreantes nas urnas, os populistas tiveram 8% dos votos e venceram em cinco estados. Dois anos depois, chegaram a 10% dos votos, elegeram 4 deputados, 4 senadores e 465 deputados estaduais. Iam bem, mas foram engolidos pelo bipartidarismo. Nas eleições de 1896, os democratas encamparam várias das pautas populistas. O Partido do Povo acabou apoiando os democratas e foi perdendo relevância eleitoral nos anos seguintes.

De todo modo, os populistas pautaram a política americana em diversos momentos, fazendo com que republicanos e democratas assumissem suas propostas

quando se sentiam ameaçados. E inauguraram um método político para momentos de crise, com seu modo de nomear o povo e as elites, articular a indignação e colocar demandas reprimidas no centro do tabuleiro.

O populismo de direita é um fenômeno mais recente, que cresce nos Estados Unidos a partir da década de 1960, com George Wallace. O discurso anti-*establishment* passaria a se articular, então, pela triangulação que coloca a culpa no lado mais fraco de algum grupo étnico. No caso de Wallace, o alvo eram os negros. Sua frase-slogan que entrou para história é: segregação hoje, segregação amanhã, segregação sempre.

A Europa viveu o fascismo, em que elementos da narrativa populista deram o tom a práticas totalitárias, expansionistas e anti-democráticas, mas não teve experiências com partidos populistas democráticos, no modelo americano, até a década de 1970. Foi nos movimentos anti-impostos desse período que surgiram partidos como a Frente Nacional, na França e o Partido Popular, na Dinamarca.

Essas agremiações nasceram minúsculas, mas foram adquirindo robustez em um momento pós bonança. Nas décadas seguintes à Segunda Guerra, a Europa combinou crescimento econômico com expansão dos serviços públicos, gerando uma bolha de bem estar. Nesse período, os países europeus receberam muitos imigrantes, especialmente do norte da África e das colônias.

O problema aparece na hora de dividir o bolo. A partir da década de 1980 a bolha europeia estourou, resultando em retração da economia, aumento da inflação e do desemprego. Os imigrantes, que até então eram bem tolerados, passaram a ser vistos como ladrões de empregos e beneficiários ilegítimos do estado de bem estar social, cuja conta começava a não fechar.

Os primeiros partidos populistas na Europa eram tributários do fascismo (Le Pen, o pai, afirmava que o holocausto foi uma nota de rodapé na história). Com o passar dos anos, foram amenizando o discurso e se tornando viáveis eleitoralmente. Até recentemente, as experiências populistas na Europa se resumiam à direita, o que faz com que o termo entre os europeus seja associado a xenofobia, eugenia, racismo.

Na América Latina, populistas pipocaram na primeira metade do século 20, geralmente articulando pautas trabalhistas. Nas últimas décadas, o fortalecimento de governos de esquerda no continente teve que ver com a narrativa populista, em figuras como Hugo Chávez na Venezuela, Evo Morales na Bolívia, os Kirchner na Argentina e Rafael Correa no Equador. O que faz com que, diferentemente da Europa, por aqui associemos populismo à esquerda.

A linha da história – e o excelente livro de John Judis – mostram que os momentos populistas podem ser apropriados de maneiras muito diversas, por todo o espectro ideológico. Suas pautas bombásticas podem ser a estatização de ferrovias (People's Party) ou a construção de um muro gigantesco na fronteira (Trump); o preconceito étnico (Le Pen) ou a recuperação de casas hipotecadas (Ada Colau); o fim dos marajás (Collor) ou a auditoria da dívida pública (Rafael Correa); a universalização da saúde (Sanders) ou a taxação de grandes fortunas (Huey Long).

Em um artigo publicado no dia seguinte às eleições americanas¹⁰, Pablo Iglesias, liderança do Podemos espanhol, apontava as semelhanças de seu partido com Donald Trump: nenhuma do ponto de vista de conteúdo e todas do ponto de vista do momento político. A crise de 2008, que empobreceu as classes médias e reduziu investimentos em serviços públicos, segundo ele, provocou as rachaduras.

Os estrategistas do Podemos bebem na fonte das teorias políticas de Ernesto Laclau e Chantal Mouffe, que constituíram uma vertente crítica ao consenso neoliberal na política europeia a partir dos anos 1980. O Podemos talvez seja o primeiro partido populista que surge da teoria, com lideranças formadas nas bibliotecas e universidades. Quando Iñigo Errejón, hoje deputado e um dos fundadores do partido, é questionado sobre as razões do sucesso, ele costuma responder, com jeito de aluno caxias, que "estudaram muito".

A teoria encontrou a prática e o marketing político. Os discursos do Podemos são endereçados às maiorias sociais e evitam os jargões progressistas, visando, nas palavras de seus articuladores, ocupar o centro do tabuleiro. Refutam a divisão política no eixo esquerda-direita, argumentando que esse modo de narrar só interessa ao poder, pois joga quem constrói alternativas diferentes para as bordas. Sua formulação é a dos 99%: os de baixo contra os de cima, *la gente contra la casta*.

Pela ênfase intelectual e no debate teórico, o Podemos acaba constituindo um laboratório populista, em que as teorias desenvolvidas nas décadas passadas são testadas de maneira consciente. As transposições e tensões entre teoria e prática aparecem no encontro de gerações que foi a instigante conversa entre Iñigo Errejón e Chantal Mouffe, publicada no livro *Construir pueblo*.¹¹

¹⁰ IGLESIAS, Pablo. *Trump y el momento populista*. Disponível em: <http://blogs.publico.es/pablo-iglesias/1091/trump-y-el-momento-populista/>

¹¹ ERREJÓN, Iñigo; MOUFFE, Chantal. *Construir Pueblo: Hegemonia y Radicalización de la Democracia*. Barcelona. Icaria Editorial, 2015.

Ali, Mouffe repassa sua crítica à *pós-política* do neoliberalismo, em que restaria à disputa política nada mais do que “administrar o consenso”. A partir do momento em que os principais partidos oferecem soluções parecidas, e quando essas soluções não melhoram a vida das pessoas (e, no caso da Espanha, não conseguem responder à crise), podem aparecer frestas na hegemonia.

Os populistas do Podemos souberam perceber esse momento e entender a essência da política, que para Mouffe consiste na criação de um “nós” – o que implica necessariamente na distinção de um “eles”. Além disso, atentam para o “papel dos afetos coletivos na construção desse ‘nós’, assim como para a importância dos símbolos e de oferecer alternativas”.

O comentário de Errejón sobre o tema poderia ser uma provocação aos autores citados no início deste artigo: “Há uma ideia entre as forças de esquerda, bastante equivocada, que entende que se você faz um discurso similar aos populistas de direita – no sentido de popular – você está ajudando, abrindo caminho. Quando na realidade eu creio que o que os ajuda é deixar todo esse terreno dos afetos coletivos livre para eles; assim como outro terreno-chave, que é o da identificação nacional.”¹²

Os discursos patrióticos e a lida com os “afetos coletivos” costumam assustar os campos progressistas e levam às acusações de que o Podemos não seria a “esquerda de verdade”. As lideranças do partido, formadas nos círculos da esquerda, dão de ombros, dizendo que não fazem questão do rótulo. “Para nós tanto faz a esquerda, queremos construir hegemonia popular”, provoca Errejón¹³.

Se Podemos e Syriza mostram que a *forma* populista pode servir a uma política republicana, comprometida com a verdade, não patrimonialista, esses partidos ainda conservam práticas que acabam entrando em contradição com os próprios discursos, como o alto grau de hierarquia, a centralização em poucas lideranças, a distância das ruas, etc. Ao fim, acabam por, mais uma vez, querer representar *o povo* a partir de poucas figuras fechadas em gabinetes.

A novidade de fato está no municipalismo espanhol, fenômeno tão potente (provocou um terremoto eleitoral em 2015) quanto pouco compreendido (costuma-se creditar as vitórias ao Podemos). As confluências cidadãs, como são chamadas na Espanha, foram capazes de reativar a rede ativista do 15M espanhol para eleger

¹² ERREJÓN, Iñigo. Op. Cit. Pg 60

¹³ ERREJÓN, Iñigo. Op. Cit. Pg 110

prefeitas de fora dos grandes partidos políticos em cidades como Madrid, Barcelona, Valência, La Coruña, Oviedo, Santiago de Compostela, Zaragoza, Terrasa, Cádiz.

As candidaturas foram encabeçadas por mulheres que não têm a política como profissão. Os formatos jurídicos utilizados foram desde grupos de eleitores (a candidatura sem partidos, que não existe no Brasil) até partidos instrumentais, criados somente para aquela eleição. Partidos orgânicos entraram nas coligações, mas não protagonizaram. Os programas de governo foram construídos em assembleias abertas e em plataformas na internet. As candidaturas se comprometeram com a redução de salários e privilégios e com medidas de radicalização da democracia.

A tônica narrativa é a do nós contra eles, preenchida porém por elementos cidadãos e urbanos, como ilustra o discurso da vereadora eleita de Málaga, Isabel Torralbo:

Nós sim amamos esta cidade. Vocês são a miséria. Nós somos a alegria. Vocês são o individualismo. Nós a coletividade. Vocês o poder, nós a potência. Vocês os gabinetes fechados, nós a rua. Viemos dos centros sociais, dos movimentos, das marés. Não somos políticos de profissão e não aspiramos a fazer carreira. E isso os assusta. Somos o único grupo municipal composto por gente de a pé, pessoas que nos impusemos um limite de salário e de mandato para depois voltar a nossas profissões. Nosso único interesse é o bem comum, porque não somos um partido e não atendemos razões partidárias ditadas desde Sevilha, Madrid ou Barcelona. Portanto, nada temos a perder, nem cargos nem postos nem contratos nem posições de direção. E ganhamos, de fato. Esta Prefeitura, hoje, começa a parecer-se com uma praça das que vocês nunca pisaram.¹⁴

Há um salto qualitativo. A narrativa populista encontra uma prática política mais coerente e de fato plebeia. O *outsider* deixa de ser uma liderança ou um oportunista que logo se tornará *insider* e passa a ser uma pessoa comum que não quer a política como profissão. A defesa dos interesses do povo deixa de ser uma retórica de gabinetes e vai para as praças, em experimentos de radicalização democrática. A disputa de poder pelos partidos, que tantas vezes instrumentaliza governos locais, vai para o segundo plano.

Esse municipalismo foi capaz de conectar duas vertentes teóricas pós marxistas que geralmente não se bicam: aquela capitaneada por Mouffe e Laclau, que já tratei aqui, e aquela referenciada na ideia de *multidão*, cujo principal expoente é o italiano Antonio Negri. Em poucas palavras, pela ótica populista, falta aos teóricos da *multidão* e do *comum* a articulação político-institucional que dê sentido e transformação real ao

¹⁴ TORRALBO, Isabel. Discurso de vitória eleitoral proferido em 13/6/2015. Tradução do Círculo da Cidadania do Rio de Janeiro. Discurso completo em espanhol disponível em: <http://www.laopiniondemalaga.es/malaga/2015/06/13/discurso-ysabel-torralbo-malaga-ahora/773558.html>

momento; pela ótica da multidão, sobra dirigismo, decisão de cúpula e macro narrativas nos esquemas populistas.

Os textos de Bruno Cava contrapondo Laclau a Negri no contexto da política espanhola introduzem os argumentos da multidão¹⁵. Várias falas de Mouffe e Errejón na conversa aqui citada oferecem os argumentos populistas. Um *fight* frontal pode ser visto, em um vídeo na Internet, na conversa entre Pablo Iglesias e o próprio Antonio Negri¹⁶: a cada vez que o líder do Podemos fala em ocupar o centro do tabuleiro, articular o significante vazio, criar hegemonias populares, o professor italiano responde com a importância de se criar contra-poderes, fortalecer as múltiplas construções comuns, lembrar que existe vida fora das instituições.

As confluências municipalistas exploraram ao limite a narrativa populista, o *nós contra eles*, mas o fizeram a partir de uma construção múltipla, menos centralista, baseada em redes ativistas e comunitárias. Preencheram o significante vazio com uma prática política da multidão. Criaram hegemonia por ocupar o centro do tabuleiro, mas também a partir das bordas, pelo protagonismo dos coletivos e associações, das muitas minorias.

E ganharam as prefeituras. Em um ano de governo, a prefeitura de Madrid logrou reduzir sua dívida em 20%, e ainda aumentar os investimentos sociais. Cortaram um terço dos cargos comissionados, privilégios, carros fretados. Criaram um site para decidir a destinação de 60 milhões de euros do orçamento municipal, que resultou em uma agenda urbana avançada, em termos sociais e ambientais.

As gestões nas cidades espanholas têm sido muito diferentes dos governos populistas da América do Sul e nada têm a ver com o que tende a ser, por exemplo, um governo Trump. Conhecer essas experiências pode fazer bem a quem busca justiça social e boa gestão pública, porque mostra que a articulação das indignações pode servir também, quando levada a sério, à superação de vícios políticos.

Bartleby, o personagem de Herman Melville, era um escrivão gentil e competente, até o dia em que passa a responder às solicitações do chefe com um inusitado “prefiro não fazer”. O livro de Melville leva ao limite as consequências dessa desobediência pacífica, mas não explica as razões profundas que teriam levado o

¹⁵ CAVA, Bruno. *O Podemos entre multidão e hegemonia: Negri ou Laclau?*. Em: CAVA, Bruno e ARENCON, Sandra. *Podemos e Syriza: experimentações políticas e democracia no século 21*. São Paulo. Annablume, 2015.

¹⁶ Conversa entre Pablo Iglesias e Antonio Negri, programa Otra Volta de Tuerka. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=BOpTvdOXF9U>

escrevão a praticá-la. Nos momentos de crise política e econômica, os Bartleby saem do armário para as urnas (ou nem saem). Do cumprimento do dever cívico, passa-se ao *prefiro não votar*. Pouco importa se os políticos, ou o chefe, esperneiam, conclamam, ameaçam, berram em carros de som, distribuem milhões de panfletos.

Nas eleições brasileiras de 2016 aumentou o número dos que preferiram não escolher ninguém. Em 10 capitais, abstenções, brancos e nulos superaram o primeiro colocado no primeiro turno. Em outras onze, ficaram à frente do segundo colocado. No segundo turno, o número total de abstêmios subiu de cerca de 26%, em 2012, para mais de 32% em 2016.

Foi nesse contexto que ganharam as prefeituras de São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte figuras conhecidas por suas atividades na TV, na Igreja e no Futebol. O que têm em comum João Doria Júnior, Marcelo Crivella e Alexandre Kalil? Mais do que identificá-los com uma nebulosa “onda conservadora” – termo confortável para a esquerda, na medida em que abdica da análise e da autocrítica subsequente – interessa atender para as diferenças de suas campanhas e contextos eleitorais.

Por sua história, Marcelo Crivella teria dificuldades em largar como um candidato anti-sistema. Ex-ministro da pesca de Dilma Rousseff e ex-senador, o bispo licenciado da igreja Universal já havia se candidatado ao Governo do Estado e à Prefeitura do Rio uma pá de vezes. Sua vitória parece ter vindo da identificação de um eleitorado evangélico somada à dificuldade dos seus oponentes de capturarem o momento de crise.

O Rio de Janeiro registrou o maior índice de abstenções de todo o país no primeiro turno: um quarto dos eleitores preferiu nem se dirigir às urnas. Outros 13% foram, mas digitaram números que não tinham candidatos. No segundo turno, a soma de abstenções, brancos e nulos cresceu para inacreditáveis 47% – quase metade dos eleitores cariocas preferiu não escolher.

O recorde Bartleby e os resultados pífios dos partidos tradicionais mostram que a vitória de Crivella foi o resultado de um vácuo. Marcelo Freixo, que havia conseguido capturar o sentimento de indignação em 2012, em uma campanha muito mais precária, não conseguiu vencer fora do eleitorado politizado de classe média.

Uma pena, porque o candidato do PSOL carioca reúne qualidades raras no cenário político atual e sua campanha chegou a um patamar novo para o partido, com ótimos vídeos, uso de tecnologias do ativismo digital e forte mobilização nas ruas. Mas, como já foi dito, inclusive pelo próprio Freixo, pregou demais para convertidos.

O mote de campanha – “derrotar o PMDB no Rio” – é justificado, mas não resultou em um significante vazio suficientemente amplo. Talvez porque essa construção colocasse o candidato muito mais *dentro* do que *fora* do jogo político, embora ele esteja fora de todos os esquemas da política tradicional. O equívoco do slogan *Vai ser desse jeito*, bonito no jingle mas arrogante quando descontextualizado, talvez mostre que a esquerda não está “perdida na floresta”, nos termos de Ruy Fausto¹⁷, mas “se achando demais”, como provocou Bruno Cava¹⁸.

E se o mote fosse “derrotar os políticos tradicionais”? Se a proposta de montar um secretariado técnico, sem indicações de partidos, adquirisse centralidade na campanha? Se a luta que o deputado já trava contra super salários fosse explorada com ênfase? Nesse caminho, sem abrir mão de um centímetro de suas convicções, Freixo poderia ter sido o candidato *outsider* que o momento pedia.

No segundo turno, quando Globo e Abril passaram a publicar denúncias contra Crivella, campanha do bispo inverteu a narrativa. Crivella começou a se colocar como uma figura independente, contra a grande mídia e o poder político. Não deixa de ser trágico que o genro de Edir Macedo tenha conseguido, para um público significativo, construir uma imagem anti-sistema mais forte que a do combativo deputado do PSOL.

“Eu não sou político, sou empresário, gestor, trabalhador”. Nessa toada, era como se João Dória Júnior não tivesse ocupado altos cargos nos governos de Mario Covas e José Sarney, na década de 1980, ou como se sua atuação empresarial não usasse e abusasse da política em tantos sentidos. Mas o mantra, repetido até a exaustão em sua campanha à prefeitura de São Paulo, colou. Com dinheiro à disposição, ele saiu de 5% das intenções de votos para uma vitória acachapante no primeiro turno.

João Dória foi o que tivemos de mais próximo a Donald Trump: um empresário milionário, apresentador de TV, com um discurso que envolvia moral do trabalho e destilação de ódios sociais. Ainda assim, Dória é um Trump muito ameno. Líder de uma grande associação empresarial, ele não deriva para o racismo e a misoginia explícitos, embora haja autoritarismo e violência simbólica em seus discursos.

Como um bom populista de direita, e sem nenhum interesse em combater a elite da qual faz parte, Dória canalizou a indignação da população contra dois significantes vazios: o Partido dos Trabalhadores e a desordem. Prometendo “varrer o PT de São

¹⁷ FAUSTO, Ruy. Op. Cit.

¹⁸ CAVA, Bruno. Entrevista concedida ao Instituto Humanistas Unisinos em 29 de novembro de 2016. Disponível em: <http://www.ihu.unisinos.br/159-entrevistas/562848-a-esquerda-precisa-de-um-impulso-de-despressurizacao-entrevista-especial-com-bruno-cava>

Paulo” e “acabar com o vandalismo”, o candidato do PSDB ganhou de lavada nas periferias, em territórios onde o eleitorado havia dado ampla vitória a Fernando Haddad em 2012.

Doria teve uma vitória histórica no primeiro turno, mas sua votação foi inferior à soma dos nulos, brancos e abstenções. Mais de 3 milhões de eleitores paulistanos preferiram ninguém. O mesmo ocorreu em Belo Horizonte, onde Alexandre Kalil, do PHS, venceu as eleições de maneira inusitada, mas foi superado pelos votos Bartleby.

Chegou a ser engraçado ver um cartola de futebol – profissão em que reina a politicagem – ganhar a prefeitura da capital mineira com a bandeira “chega de políticos”. Kalil, um empresário do ramo imobiliário, havia sido presidente do Atlético Mineiro de 2008 a 2014, quando o clube teve bons resultados. O presidente era conhecido por declarações polêmicas, entrevistas engraçadas e uma fala sincera com certo carisma.

Poucos esperavam que sua candidatura à prefeitura fosse articular demandas populares e de movimentos sociais, mas foi o que ocorreu – talvez por enfrentar o PSDB, com um candidato conservador como João Leite. Em um de seus vídeos mais virais, o candidato vai ao bairro onde reside uma funcionária de sua empresa, às 5h da manhã, para “conhecer a realidade do transporte público dos trabalhadores”.

Sua campanha propôs abrir a caixa preta das empresas de ônibus – a pauta dos movimentos anarquistas de 2013 na boca de um empreiteiro-cartola – e se comprometeu também com ocupações urbanas, áreas verdes e bairros periféricos. Talvez estivesse de olho nos votos destinados a PT e PSOL no primeiro turno (que somaram quase 13%), mas o fato é que ele se elegeu com pautas de interesse coletivo. Resta saber se irá cumpri-las.

No segundo turno, a campanha do PSDB tentou colar em Kalil a imagem de petista. A resposta foi brilhante, é preciso admitir. Os vídeos da campanha de Márcio Lacerda em 2008, em que Aécio Neves aparece ao lado de Fernando Pimentel, do PT, foram utilizados como resposta. O jogo de poder daqueles que até outro dia eram aliados e agora se enfrentavam foi exposto como politicagem. Os padrinhos, que até outro dia traziam votos, foram utilizados para tirar votos do adversário.

Nos debates, Kalil chegou a mandar Aécio e Pimentel “pro inferno” e afirmar que era preciso focar o debate nos problemas da cidade: metrô, educação, saneamento. “Ninguém transfere voto. Esses caras viraram lepra”, sentenciou. Sua sinceridade derivou para o obsceno, no sentido colocado por Rodrigo Nunes em um ensaio recente:

o de “deixar de se esforçar para parecer respeitável nos velhos moldes e chamar as coisas pelo nome”¹⁹. Também o obsceno é somente uma forma, na qual cabem diversos conteúdos.

Antes de terminar, valeria passar pela experiência do *Muitas / Cidade que Queremos*, movimento que lançou candidaturas à câmara municipal de BH pelo PSOL. Uma experiência menor, mas significativa no contexto: elegeu duas vereadoras, sendo uma delas a mais votada da cidade, por um partido que nunca tinha chegado a um terço do quociente eleitoral na capital e que tem apenas outros dois vereadores em todo o estado de Minas Gerais.

Particpei do movimento e posso dizer que, a 45 dias das eleições, não se tinha a menor ideia de como conseguir algum dinheiro, não havia equipe, tampouco planejamento de campanha. O partido não tinha recursos nem infraestrutura. A eleição foi um exercício de política *free style*, regado a improviso e voluntariado.

Mas havia amadurecimento político e um exercício de cidadania. O movimento vinha há 18 meses debatendo as possibilidades de ocupar as instituições. Resultou no lançamento de doze candidaturas à câmara de vereadores, com maioria de mulheres, representatividade de negros, além de contar com a primeira transexual e a primeira indígena a se candidatarem na cidade. Essa busca pela representatividade de corpos foi um dos pilares da construção. Os outros eram a radicalização democrática e a redução de privilégios dos políticos.

Quando escolhemos o slogan *Outra política é possível*, pessoas no grupo se incomodaram com a similaridade com a *nova política*, de Marina Silva, e com a *anti-política* de Kalil. Outros argumentaram que praticávamos *outra política* de fato, e que era preciso perder o medo de dizer. A esquerda costuma ter um certo pânico moral com os significantes vazios populistas, mas entendo que foi uma boa escolha. Até porque, como no municipalismo espanhol, havia ali um preenchimento coerente. As pessoas eram outras, os compromissos eram outros: redução de salários e privilégios, mandatos abertos, política cidadã e não carreirista.

As candidaturas compartilharam recursos e materiais. A principal peça gráfica era um folder desdobrável com doze pessoas que disputavam o mesmo cargo, o que

¹⁹ NUNES, Rodrigo. *A vitória da obscenidade*. Caderno Ilustríssima, Folha de São Paulo, 2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/ilustrissima/2016/12/1837803-como-2016-levou-o-indizivel-ao-estrelato.shtml>

seria impensável na política tradicional. #VotouEmUmaVotouEmTodas foi a hashtag para essa candidatura coletiva.

Áurea Carolina, a candidata mais votada do grupo e das eleições, foi a figura que capturou os desejos de mudança. Tem trajetória de luta, carisma, comprometimento e capacidade de mobilização, e fez por merecer a votação. Mas talvez o coletivo só tenha conseguido ter um alcance tão grande porque construiu de fato a ideia de uma outra política, conseguindo furar a bolha da classe média esclarecida.

Furar a bolha talvez seja o maior desafio de propostas cujo principal meio de comunicação são as redes sociais. Aqui não foi diferente e duas ações tiveram um papel particularmente importante nesse sentido. A primeira foi firmar em cartório compromissos de redução de privilégios. A ideia parecia ingênua, porque as propostas já haviam sido divulgadas, mas teve boa cobertura da imprensa local e acabou por ampliar o público.

A segunda foi um vídeo, que foi ao ar a uma semana das eleições, em que cada candidata – o coletivo usa o feminino para a generalização – pedia voto para outra, numa demonstração de desapego e coletividade. A peça viralizou e teve centenas de milhares de visualizações. A grande repercussão do ato em cartório e do vídeo mostram como o significativo vazio *outra política* pode deixar de ser um mero slogan e adquire consistência quando há uma verdade por trás.

A bolha estourou. Na última semana, quando um grande mutirão de panfletagem voluntário ocupou as ruas da cidade, a maior parte do público já conhecia as candidaturas. Duas vereadoras foram eleitas com pouquíssimos recursos, sendo o PSOL o partido com menor gasto entre os que elegeram na capital.

Trago essa história não por proselitismo, mas para mostrar, com ajuda das experiências espanholas e gregas, que o momento de crise pode ser abordável por quem busca justiça social, boa gestão, aprimoramento democrático. Em uma entrevista recente, o ex-prefeito de São Paulo Fernando Haddad afirmou que a disputa no país nos próximos anos será entre a direita e a extrema-direita.²⁰ Pode até ser, mas a perspectiva de Haddad ignora as construções para além do PT e parece incapaz de imaginar a utilização da narrativa populista pelas esquerdas.

²⁰ HADDAD, Fernando. Entrevista ao jornal Folha de São Paulo em 21/11/2016. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/poder/2016/11/1833961-disputa-sera-da-direita-com-a-extrema-direita-afirma-haddad.shtml>

Talvez fizesse bem aos campos progressistas deixar de ver o populismo como a “sombra da democracia e um constante perigo”, como sugeriu Müller em seu livro, e passar a mirá-lo, nas palavras de Panizza, como um “espelho no qual a democracia pode se enxergar em detalhes, com verrugas e tudo mais, e entender suas virtudes e falhas”. Isso não quer dizer fazer nenhuma concessão para demagogia, autoritarismos e clientelismos, mas entender de onde vem sua força e poder enfrentá-los a partir do campo mais promissor para o embate nos momentos de crises.

A velha política brasileira já compreendeu o momento e vai tentar eleger, nas próximas eleições, *outsiders de dentro*. O PTN, partido cujo presidente estadual em Minas foi recentemente afastado do seu mandato de vereador por denúncias de enriquecimento ilícito, mudou seu nome para (nada menos que) Podemos. O PTdoB deve se transmutar em Nova Democracia. Essas siglas fisiológicas com novas roupagens podem ter chances em eleições como as que vêm aí. Mas isso não é o pior. A eleição de um novo Collor ainda pode sair barata, frente à possibilidade –real, Trump vem nos lembrar – da indignação popular cair no colo de um Bolsonaro nos próximos pleitos.

Deixar esse terreno livre para reafirmar a importância da política com P maiúsculo, dos partidos tradicionais e fazer um discurso moral contra os populistas – o que só os beneficia, pois reforça sua imagem de *outsiders* – pode parecer valente, mas talvez seja abandonar a partida para não sujar o uniforme, porque o campo está enlameado. Como coloca Chantal Mouffe, “o discurso antiestablishment pode ser articulado de várias maneiras e por isso é muito importante não abandoná-lo às forças da direita. No caso da Grécia é evidente que se não houvesse existido o Syriza, o partido neonazista Amanhecer Dourado teria tido melhores resultados.”²¹

²¹ MOUFFE, Chantal. Op. Cit. Pg 60.